



Caderno Resumo 2026

Avaliação da Maturidade da Transição Climática de Empresas do Setor de Óleo e Gás Brasileiro



INSTITUTO
ITAUSA

climate arc



CooperaClima



O Setor de O&G Brasileiro no Contexto da Descarbonização

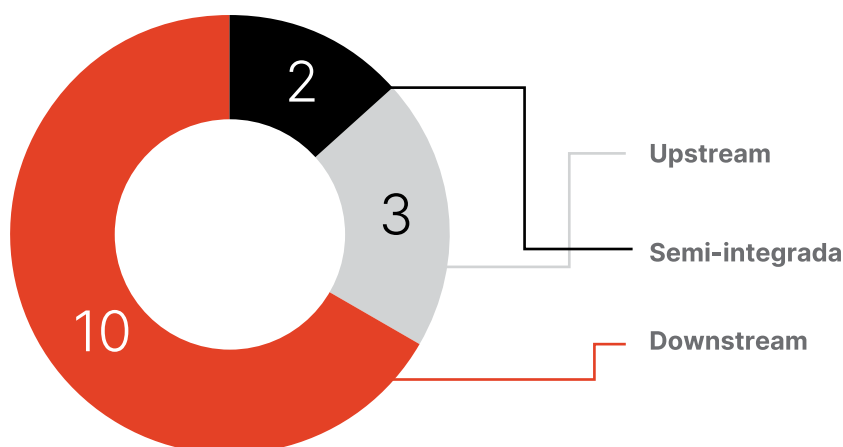
- ➔ O setor de O&G é central na matriz energética global e brasileira e, no Brasil, respondeu em 2024 por 42,5% da oferta interna de energia (petróleo 33,2% e gás 9,3%), tem peso econômico (~10% do PIB industrial em 2023), gera royalties para educação e saúde e lidera exportações.
- ➔ Para limitar o aquecimento a 1,5 °C, a Agência Internacional de Energia (IEA) projeta a necessidade de redução do consumo de petróleo de 97 milhões de barris/dia em 2022 para cerca de 24 milhões em 2050, que pode ser alcançado a partir do aumento da eletrificação do transporte, maior participação das energias renováveis e dos combustíveis de baixo carbono.
- ➔ O setor vive um dilema entre expandir fósseis (com riscos de viabilidade futura) ou redirecionar capital para soluções de baixo carbono ainda caras e imaturas, sendo indispensáveis mudanças estruturais para alinhar-se ao Acordo de Paris.
- ➔ Uma transição bem-sucedida exige políticas públicas claras, financiamento direcionado, reorientação estratégica e compromisso empresarial, tornando crucial avaliar a maturidade climática das companhias — especialmente no Brasil, onde o setor é estratégico.

Avaliação da Maturidade da Transição Climática - Metodologia ACT

O CFH Brasil aplicou a metodologia ACT – Accelerate Climate Transition para avaliar a maturidade da transição climática de 15 empresas do setor nacional de óleo e gás. Estas empresas representam 88% da produção nacional de O&G e mais da metade da proporção da venda de óleo diesel (64,51%), óleo combustível (95,6%) gasolina C (58,75%) e etanol (53,19%), além de serem responsáveis por parte significativa da venda de GLP (47,6%). A análise teve como ano-base 2023 e foi conduzida exclusivamente a partir de dados públicos.

Bahiagás	Grupo Potencial	Naturgy Brasil
Copa Energia	Ipiranga	Sulgás
Comgás	Petrobrás	Ultragaz
Compagás	PetroReconcavo	Vibra Energia
Enauta	PRIO	

02

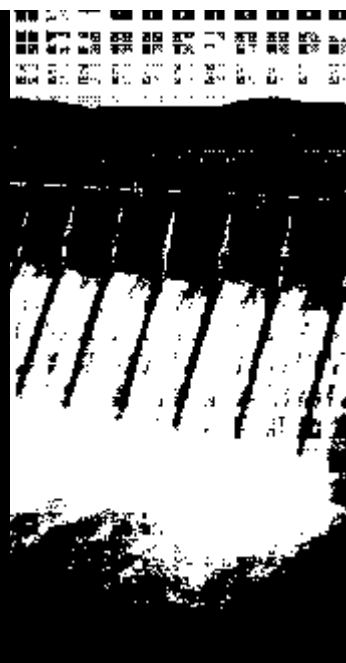


Sobre a metodologia ACT

A metodologia ACT, desenvolvida para setores específicos, permite avaliar o grau de maturidade de uma empresa em relação à transição para uma economia de baixo carbono até 2050. As análises são fundamentadas em dados públicos e comparam a trajetória da empresa com benchmarks, representados pelas curvas de descarbonização setoriais.



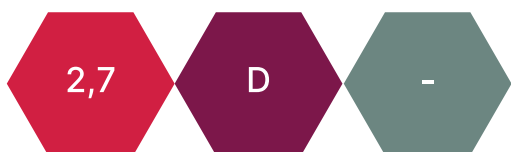
Acesse a fact sheet para mais informações:



➡ Uma particularidade da metodologia setorial de O&G é que ela atribui pesos distintos aos segmentos da cadeia (upstream-, midstream-, downstream-, semi-integradas e integradas) a fim de refletir sua materialidade climática, viabilizar comparações mais justas e focar nos pontos-chave de descarbonização de cada um.

➡ Não foram realizadas adaptações na metodologia ao contexto brasileiro visto que este se trata de um setor com abrangência global. Neste ciclo de análise não foram avaliadas empresas puramente produtoras de biocombustíveis, sendo avaliadas as companhias que possuem biocombustíveis como parte do modelo de negócios.

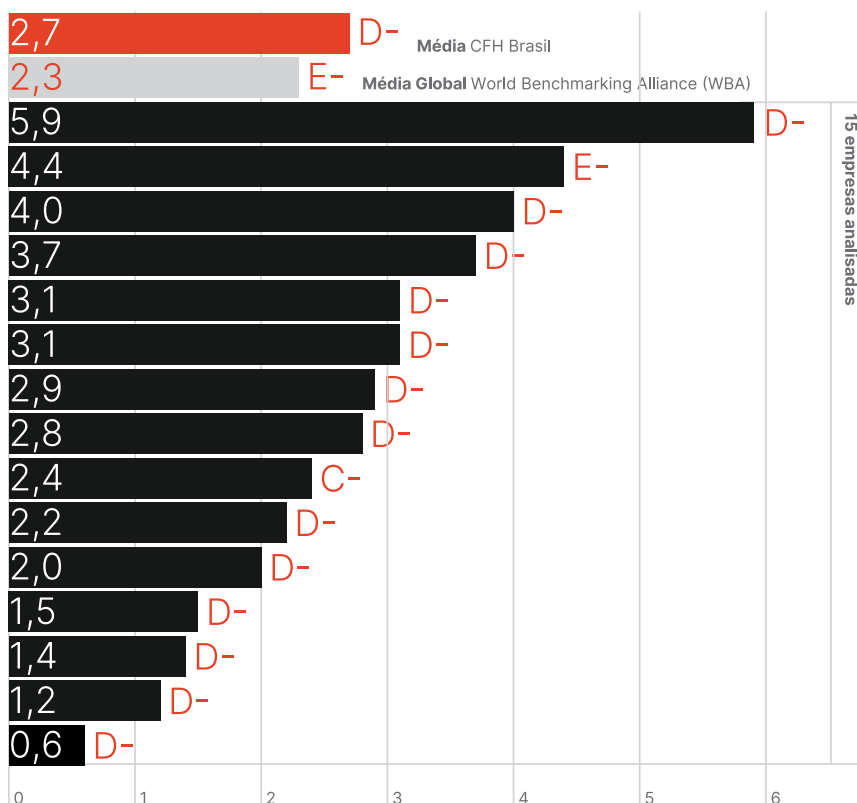
Média dos resultados obtidos para as empresas do setor elétrico



Nota máxima na Metodologia ACT



Resultados obtidos para as empresas avaliadas:



➡ Quando comparado a uma amostra de 99 empresas internacionais do mesmo setor, avaliadas pela World Benchmarking Alliance (WBA) a partir da mesma metodologia, o resultado médio das companhias brasileiras é ligeiramente superior à média global (2,3 E-).

➡ Com nota "D" e tendência negativa "-", o resultado evidencia um setor iniciando sua transição, com avanços importantes em algumas frentes, mas ainda distante de atingir um pleno alinhamento climático compatível com as trajetórias globais de descarbonização.

Desempenho

2,7

→ Os resultados gerais de desempenho do setor são baixos, refletindo a ausência de metas abrangentes das empresas, a limitada diversificação do portfólio e o baixo volume de investimentos em soluções de baixo carbono.

→ Modelo de negócio e estratégia ainda mostram baixa integração com a transição climática, com forte dependência em combustíveis fósseis e poucos sinais de reconfiguração estrutural dos ativos e operações.

→ Metas climáticas são pouco estabelecidas no setor, com cerca de 60% das empresas analisadas sem qualquer compromisso formal de

descarbonização e raras iniciativas cobrem o Escopo 3 ou estão alinhadas às metas de 1,5 °C.

→ Baixa transparência e falta de padronização de informações do setor, especialmente em relação a emissões indiretas, projeções futuras e estratégias de descarbonização.

→ Empresas do setor apresentam níveis iniciais de maturidade na gestão da transição, com iniciativas concentradas em eficiência operacional e escassa integração entre metas, investimentos e governança climática.

Narrativa

D

→ Resultados indicam baixa maturidade climática, com média setorial D e ausência de empresas classificadas nos níveis A ou B.

→ Modelo de negócio e estratégia ainda não refletem a transição energética, com iniciativas concentradas em eficiência ou pilotos, sem escala ou integração à estratégia corporativa.

→ Consistência e credibilidade das metas climáticas são limitadas: 60% das empresas não possuem metas

de emissões e nenhuma contempla os três escopos de forma metodologicamente alinhada ao 1,5 °C.

→ Qualidade dos dados é desigual e, em muitos casos, insuficiente, com lacunas em séries históricas, ausência de projeções de emissões, detalhamento de receitas e investimentos em baixo carbono.

→ A gestão de riscos de transição é frágil; faltam planos de ação estruturados, análises de cenários robustas e integração efetiva dos riscos climáticos à governança corporativa.

Tendência

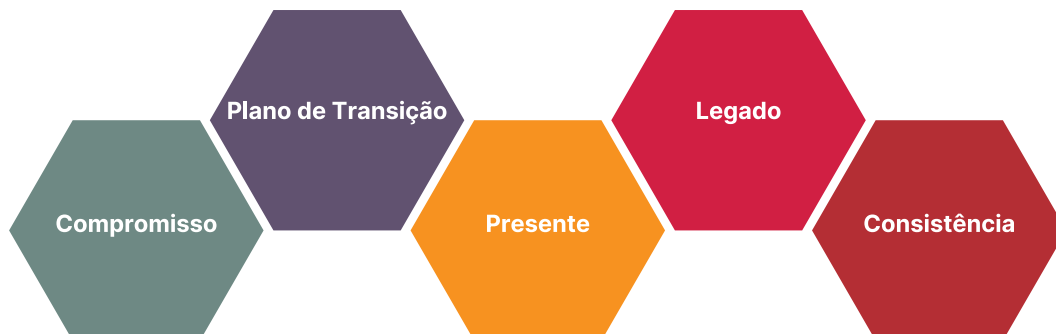


A avaliação sobre tendência revelou uma perspectiva negativa:

A maioria das companhias avaliadas apresenta sinais consistentes de manutenção do modelo fóssil, com ausência de metas de redução, baixo volume de investimentos em tecnologias de baixo carbono, e iniciativas restritas

a projetos-piloto sem escala. Persistem ativos fósseis de longa vida útil, indicando risco de lock-in de emissões, e a transição climática ainda não está integrada de forma estruturada aos modelos de negócio das empresas, aparecendo como iniciativas pontuais, e não como parte da estratégia central.

Visão geral do desempenho do setor de óleo e gás em relação às cinco dimensões da metodologia ACT



Compromisso

A definição de metas de redução de emissões abrangentes e alinhadas a trajetórias compatíveis com 1,5 °C é pouco adotada. A maioria das empresas não contempla o Escopo 3, e cerca de 60% não possuem metas formais para nenhum escopo. Quando existem, essas metas tendem a ser limitadas a parte das operações, com horizontes curtos e ausência de integração à estratégia corporativa, o que reduz sua efetividade e alcance.

Plano de Transição

Não foram identificados planos de transição estruturados e integrados. O que se observa são ações fragmentadas e metas pontuais, sem articulação com uma estratégia corporativa clara e abrangente. Elementos essenciais previstos pela metodologia, como projeções

financeiras, estimativas de custos, análise de riscos e choques, metas SMART de curto, médio e longo prazo, bem como a vinculação entre investimentos, reorientação de portfólio e mudanças estruturais no negócio, estão ausentes na maior parte dos casos, dificultando a consolidação de um caminho consistente de descarbonização.

Presente

As iniciativas em curso apresentam amplitude limitada e concentram-se, em grande medida, na eficiência operacional. Os investimentos materiais e intangíveis em tecnologias de baixo carbono são incipientes e, em geral, não configuram transformações estruturais no modelo de negócio. O desempenho médio nos módulos Produto Vendido (4%) e P&D (0,1%) evidencia que a diversificação do portfólio ainda é pouco significativa e carece de escala.

Legado

Embora haja registros pontuais de redução de emissões operacionais, não se observa um histórico consolidado de mudanças estruturais na cadeia de valor que demonstre capacidade comprovada de avançar para além das emissões diretas. Em geral, as empresas não divulgam projeções referentes às suas emissões futuras, o que impede a verificação de compromissos futuros com um legado de baixo carbono.

Consistência

A coerência entre metas, planos e ações permanece limitada. Muitas iniciativas de baixo carbono estão em estágio piloto ou experimental, sem integração efetiva aos investimentos e à estratégia central da empresa, o que compromete a consistência e a credibilidade da trajetória de descarbonização.

Desafios e oportunidades

↳ Para avançar na transição para um modelo de baixo carbono, o setor de O&G brasileiro deve ir além da eficiência operacional. Isso implica em: (i) estabelecer metas climáticas integradas, abrangentes e alinhadas à ciência, com cobertura dos três escopos de emissão; (ii) desenvolver planos de transição robustos, com projeções financeiras, metas de curto, médio e longo prazo e articulação com decisões de investimento; (iii) reorientar o portfólio e os fluxos de capital para tecnologias de baixo carbono com potencial de escala; (iv) fortalecer os mecanismos de governança climática, com integração ao centro da estratégia empresarial e vínculo com decisões e incentivos internos; (v) ampliar a transparência e a padronização da comunicação climática, adotando metodologias robustas e alinhadas a frameworks internacionais e (vi) atuar de forma propositiva na construção de marcos regulatórios, contribuindo para o desenvolvimento de políticas públicas que favoreçam a descarbonização da economia.

↳ O setor de O&G brasileiro enfrenta um momento decisivo. Empresas capazes de antecipar tendências, alinhar compromissos climáticos com ações concretas e direcionar investimentos para soluções de baixo carbono com potencial de escala estarão em melhor posição para manter sua relevância em um cenário energético que anda em descompasso para atender as metas do Acordo de Paris.

Sobre o Climate Finance Hub Brasil (CFH Brasil)

O CFH Brasil é uma iniciativa liderada pelo consórcio composto pelo **grupo de Finanças e Investimentos Sustentáveis (gFIS/UFRJ)**, pela **Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável (FBDS)**, e pela **Coopera Clima**, com o apoio da **Climate Arc**, **Instituto Itaúsa** e **Instituto Clima e Sociedade (ICS)**, que tem como propósito fornecer avaliações transparentes e comparáveis sobre a maturidade da transição climática de empresas e setores da economia brasileira.

Autores

Equipe de Pesquisa
Climate Finance Hub
Brasil (CFH Brasil):

Coordenador

Prof. Dr. Luan Santos

Líder de Pesquisa

Dra. Sofia Carra

Analista Senior

MSc. Thaís de Moraes Mattos

Analistas Junior

Giovanna Tosto

Pamela Ramos Rocha dos Santos

Vitor Sergio Duarte

Coordenação Grupo Técnico

Prof. Dr. Emilio Lèbre La Rovere

Coordenação Geral CFH Brasil

Prof. Dra. Christianne Maroun